



Deambulações aprendentes: sobre pensar e percorrer a cidade

Learning Wanderings: about relations between thinking and crossing the city

Tamiris Vazⁱ
Universidade Federal da Uberlândia

Resumo

Este texto aborda a prática de caminhar, uma modalidade utilizada por filósofos, pensadores, pesquisadores e artistas como recurso metodológico intrínseco aos processos de aprendizagem e criação. Essas práticas envolvem pensamentos produzidos na e com a cidade, provocando deslocamentos de corpos e de ideias. Abrindo os olhos em itinerários cotidianos, aviva-se a possibilidade de desestruturar dicotomias entre atividades da mente e do corpo, o que leva à pesquisa "Aprendizagens em devir na cidade", que expõe caminhos investigativos construtores de narrativas com textos e imagens ao mesmo tempo em que revela a extensão da cidade e a própria cidade como acontecimento investigativo.

Palavras-chave: Cidade, deslocamentos, aprendizagem.

Abstract

This text approaches the practice of walking, an empirical-conceptual modality used by philosophers, thinkers, researchers and artists as a methodological resource intrinsic to learning and creating processes. They are thoughts produced in the city and with the city, which generate displacements of bodies and ideas. In this way we open hollows in daily itineraries with the intention of deconstructing dichotomies between mind and body activities, exposing ways of a research that build narratives with texts and images while revealing the extension of the city and the city itself as an investigative event.

Keywords: City, displacements, learning.

Enviado em: 04/11/19 - Aprovado em: 02/12/19

Caminhar

Não há nada de mais, nada de extraordinário no ato de caminhar. Crianças, logo no primeiro ano de vida, já descobrem essa arte e, dali em diante, usufruem dela como possibilidade de exploração do mundo. As distâncias entre os cômodos da casa vão diminuindo à medida que a criança adquire habilidade para se deslocar com mais confiança e agilidade, e a vontade de sair para a rua aumenta. Essa curiosidade, essa vontade de deslocamento, com o tempo, vai perdendo intensidade quando se soma a ela o medo de desconhecidos, a pressa e o conforto proporcionado pelo automóvel – que evita contratempos e acelera a chegada. Chegar, aliás, passa a ser o principal objetivo de

qualquer deslocamento, encurtar trajetos se torna sinônimo de produtividade. Sem falar nos hábitos contemporâneos que mantêm tanta gente sentada na poltrona para entretenimento, na carteira para estudo, na escrivaninha para trabalho.

Nossas rotinas urbanas nos levam a acreditar que, para produzir, precisamos nos manter sentados, enfileirados, silenciados, concentrados, parados.

Relações entre pensar e percorrer paisagens fizeram parte de práticas do saber em vários momentos históricos da humanidade, seja através da fala e de ações individuais, coletivas, seja de simples caminhadas exploratórias. Práticas de ensino realizadas em instituições fechadas e isoladas do cotidiano são um fenômeno recente; são práticas às quais nos adaptamos rapidamente e que passamos a tomar como intrínsecas ao processo de aprender. Separamos teoria e prática, ação e reflexão, atividades do corpo e atividades da mente como se essas dicotomias fossem totalmente distintas e independentes entre si. Mas basta nos voltarmos brevemente para alguns fatos históricos do processo educacional no mundo ocidental para percebermos o quanto esses elementos sempre andaram juntos.

Na filosofia grega, exercícios de caminhar e de pensar eram intrinsecamente ligados. Na Grécia Antiga, o método chamado 'peripatético', de Aristóteles, por exemplo, consistia em aulas que aconteciam durante caminhadas. Aristóteles discutia com seus discípulos questões de metafísica, física e lógica ao mesmo tempo em que percorriam o *peripatos*, alameda localizada nos jardins do Liceu (CRUZ, 2008). Para Aristóteles, era percebendo, comparando os elementos à nossa volta que seríamos levados a refletir sobre o mundo. Esse exercício de ensinar caminhando é retratado até mesmo na Bíblia, quando se descreve como Jesus Cristo teria pregado suas parábolas ao ar livre em deslocamento junto de seus discípulos. Em ensinamentos filosóficos e em narrativas cristãs, temos exemplos de como o mundo pode ser um lugar a ser percorrido pelo aprendiz no próprio ato de aprender, fazendo com que corpo e mente atuem em conjunto. A ideia de que, para aprender/estudar, é necessário isolar-se do mundo em uma sala silenciosa, pretensiosamente transformada em espaço neutro, irá surgir muito tempo depois, com o advento da Modernidade.

Normalmente tratamos o 'ir para fora' como um movimento de um lugar a outro, quase nunca como a experiência em si. Como afirma Gros (2010), o lado de fora é tomado como uma transição, algo que separa, que obstaculiza – o intervalo entre uma aula e outra, o escape do trabalho para fumar um cigarro... Algumas vezes, diz Gros (2010), saímos de casa para 'arejar', para fazer uma pausa daquilo que realmente importa fazer. Entretanto, para quem se propõe a realizar grandes caminhadas, essa noção se inverte. Para-se para descansar e, em seguida, seguir a jornada, contemplando a extensão de um sentir-se em

casa que é movimento, que é morar na paisagem, no prazer do deslocamento. Essa experiência acontece pelo ou durante o caminhar.

Mais do que cenário, as caminhadas serviram como inspiração ou mesmo como disparadoras de ideias para pensadores como Kant e Jean-Jacques Rousseau no século XVIII, assim como para Nietzsche no século XIX. Segundo Cruz (2008), as saídas de Kant eram tão sistemáticas que seus vizinhos acertavam os relógios tendo como referência a hora em que ele iniciava sua caminhada, pontualmente às três e meia da tarde.

Rousseau chegou a escrever um livro com o título *Os Devaneios do Caminhante Solitário* (2008), narrativa na qual o caminhar era abordado tanto através de pequenos acontecimentos cotidianos de sua vida, que envolviam muitos passeios a pé pelos campos, quanto por meio de pensamentos e reflexões sobre a condição humana e sua própria existência. Ele organizou o livro em dez caminhadas e, em um tom melancólico, nos leva a pensar sobre questões da vida a partir de seu encontro solitário com a natureza.

Nietzsche admite, em *Ecce Homo* (2011), que as caminhadas fizeram parte da própria construção de seus pensamentos, além de servirem como catarse à sua vida produtiva e como alívio das fortes dores de cabeça que lhe acometiam. Para o filósofo, todo preceito provém das entranhas, da relação entre músculos e ideias, entre os movimentos do corpo e do pensamento. Nietzsche recebeu a alcunha de 'filósofo andante' justamente por percorrer diariamente longos itinerários para depois entregar-se à escrita. Com uma caderneta sempre em mãos, ele anotava ideias que surgiam durante suas caminhadas.

Hoje, com nossas cidades super-habitadas, com nossas rotinas frenéticas, com uma sobreposição de sons, cheiros, movimentos, que saberes podem nascer de uma caminhada? Hoje, em nossas pesquisas nascidas em territórios acadêmicos, que visualidades urbanas poderiam provocar devires de pesquisas e pesquisadores?

Tomada por esses questionamentos, percorri, ao longo de dois anos, ruas de um bairro da cidade de Goiânia (Goiás, Brasil), observando, fotografando, escrevendo, intervindo, conversando, pesquisando, aprendendo... Esse processo de habitação e pesquisa possibilitou a produção de parte de uma tese de doutorado ao mesmo tempo em que movimentou reflexões sobre o que eu sou ou posso ser na cidade e sobre o que a cidade é ou pode ser em meus movimentos.

Tudo nasceu de um desejo de caminhar e de fazer com que esses percursos fossem geradores de possíveis saberes. Observações, conversas, fotografias, escritas, tudo era gerado do caminhar.

O ato de percorrer a cidade foi, portanto, a ação propulsora da investigação. Os conceitos de *perceptos*, *afectos*, visualidade e devir foram utilizados como ferramentas para a produção de narrativas aprendentes que, diferente dos peripatéticos, não partiam dos ensinamentos de um pensador, mas eram atravessadas pelos encontros ao longo do caminho, fossem eles com pessoas, fenômenos naturais ou observações de acontecimentos corriqueiros.

Por meio de fotografias, conversas com moradores e ensaios, fui construindo narrativas que expunham aspectos de percursos cotidianos – um pouco daquilo que fui capaz de pensar e fazer com/sobre meus processos de aprender. Não havia o interesse por uma aprendizagem voltada a conteúdos pré-determinados de disciplinas específicas, mas por pensar sobre o que pode ser ‘o aprender’ quando vivido junto ao corpo em deslocamento.

A escrita desenvolvida nesse processo foi não apenas um relatório de pesquisa, mas também a invenção de possibilidades que ultrapassam a descrição de fatos, trazendo como resultado o que chamei de ‘cidade tese’ – uma tese que não representa a cidade, mas que é cidade explorada, elevada, modificada por encontros inesperados e pelos efeitos desses encontros no desenvolvimento da mesma.

Tomando a cidade como a própria morada da pesquisa e não apenas seu tema ou campo de produção de dados a serem organizados posteriormente, me vejo, por vezes, como a figura emblemática do *flâneur*, personagem da vida moderna citado por Baudelaire e que ganhou visibilidade nos escritos de Walter Benjamin (2007) por inventar a cidade através de seus percursos cotidianos. Nas passagens parisienses, criadas a partir da Revolução Industrial para alimentar o desejo consumista da burguesia, juntamente com o advento da eletricidade e da construção de espaços para deslocamentos noturnos, a vida urbana se tornou mais intensa, abrindo espaço para essa figura que vagueia por espaços de consumo sem consumir, que se mistura à multidão, mas que não faz parte dela porque experimenta e vivencia outras narrativas, percepções e temporalidades. Enquanto a cidade propõe um ritmo de movimentação prática voltada ao consumo, o *flâneur* é alguém que se inventa percorrendo a cidade, que faz da rua a sua casa, escolhe suas próprias e inesperadas paradas. Por ser imprevisível, ele incomoda ao trilhar os mesmos caminhos, porém de maneiras ainda não percorridas. Percorrer aprendizagens que desviam dos conteúdos, da sala de aula, da avaliação, poderia ser vista como uma *flaneurie* educativa?

Aprender em percurso provoca o incômodo de dizer coisas de um modo ainda não ouvido. Não se trata de fazer tudo diferente, de inventar outra cidade, de romper com o passado, de jogar tudo fora e recomeçar do zero. Trata-se, porém, de experimentar algo de modo diferente, um dizer/falar diferente, mudando os ritmos, trazendo novas perguntas e

narrativas para ideias, conceitos e práticas do cotidiano que já estão estabelecidas nos nossos modos de pensar. Para que essa aprendizagem em percurso aconteça, é necessário que haja deslocamento, não necessariamente físico, mas deslocamentos perceptivos, conceituais, a partir dos quais os nossos corpos transformem informações em experiências, em algo que nos passa, mesmo que isso não resulte em um saber demarcado.

Fotografar

Alterar os ritmos é ação importante nos percursos de aprender, porque abre espaço para experimentar singularidades que diferem da noção de cidade que temos, baseada na correria cotidiana entre casa e trabalho. Barachini (2015) relembra o fato de que as primeiras fotografias, por necessitarem de um tempo longo de exposição, acabavam por retratar a cidade vazia, sem a movimentação humana – elemento que torna a cidade viva. Foi uma época em que muitos fotógrafos se aproveitaram dessa característica de lentidão do processo fotográfico para priorizar retratar paisagens externas, tanto arquitetônicas quanto paisagísticas, sendo levados a se deslocarem em busca de lugares pitorescos e exóticos. O olhar do fotógrafo nesse ritmo mais lento modificava a paisagem, que, por vezes, adquiria ares bucólicos e oníricos. O corpo, para fotografar, precisava entrar em um duplo movimento: por um lado adentrar as minúcias do cotidiano, inserir-se na paisagem e tornar-se presença dentro dela; por outro, reduzir a velocidade, experimentar a parada e aguçar os sentidos para captar de forma imóvel vidas que são moventes. Era uma experiência muito diferente do que acontece nos dias de hoje: com um clique, registramos imagens que nossos olhos sequer tiveram tempo de ver. A fotografia, em seus primórdios, exigia exercícios de espera, de ver e sentir o tempo se deslocando junto à paisagem. Tratava-se de criar outros espaços dentro dos espaços, gerando modos únicos de estar no mundo e de aprender com ele.

Em *A Invenção da Paisagem*, Cauquelin (2007) discorre sobre o modo como os pintores, em meados do século XV, inventavam a paisagem ao mesmo tempo que a retratavam. Com a invenção da perspectiva, a natureza, até então tratada como plano de fundo para os acontecimentos, passou a ser vista como o próprio acontecimento. Em vez de apreender a realidade, ao experimentar a paisagem, os artistas passaram a aprender pela invenção. Pintores praticaram o retrato do cotidiano para fazer deste a possibilidade de novos pensamentos. Quando olhamos para uma pintura ou fotografia de espaços externos, raramente pensamos nos movimentos que envolveram essa produção. Para retratar uma paisagem, o artista se deslocou, parou, mudou seu ritmo, criou tempos e espaços próprios

para a experiência, aprendeu e criou com esse processo mesmo quando sua prática resultou em uma obra inerte.

No século XX, podemos focar três tipos de práticas envolvendo percursos urbanos que fizeram da errância ferramenta de ação política e meio de subversão de pensamentos legitimados, questionando modos de viver e pensar a vida em sociedade. São eles: a 'visita' dadaísta, a 'deriva' situacionista e a 'deambulação' surrealista.

Entre os anos 1910-1930 do século passado, dadaístas e surrealistas criticavam as ideias urbanísticas que surgiram no início do século. Barachini (2015) explica que, em 1921, os dadaístas planejaram excursões a lugares banais de Paris, buscando aproximar vida e arte através de experiências em locais pouco reconhecidos socialmente e que, em princípio, não tinham importância em termos da sua existência. Segundo Careri (2013, p. 29), "é a primeira vez que a arte rejeita os lugares célebres para reconquistar o espaço urbano".

Já em meados dos anos 60 do século passado, o grupo Internacional Situacionista viu, na deambulação urbana, uma forma de antiarte, um meio estético e político para subverter o sistema capitalista. Por meio da psicogeografia, os situacionistas buscavam promover microrresistências à espetacularização urbana, realizando um estudo dos efeitos geográficos sobre o comportamento afetivo (JACQUES, 2008). Como estratégia, propunham a produção de mapas em escala 1:1, ou seja, mapas que só poderiam ser explorados pelo deslocamento do corpo na cidade.

Em um cenário contemporâneo, Jacques (2008) usa o conceito de 'corpografia' para tratar das marcas que o urbano imprime no corpo de quem o percorre, e, desse modo, tais marcas também definem esse corpo. A autora se interessa pelas corpografias urbanas de resistência, aquelas que rechaçam a espetacularização, que expõem usos desviantes dos espaços urbanos em relação aos projetos iniciais de uso dos espaços. São essas resistências, a nosso ver, que compõem aprendizagens por deslocamentos.

Por meio de movimentos e deslocamentos físicos, perceptivos, conceituais, esses pensadores, artistas e grupos experimentaram modificar algo nas ações coletivas que realizavam na sociedade. De acordo com esses princípios, para aprender, necessitamos nos deslocar, nos deixar tocar pelo mundo. Mundo que também inclui a escrita, a leitura, o manuseio de informações. Quando falamos em aprender por percursos, estamos falando em ultrapassar, ir além das informações, experimentando-as, recombina-as em um jogo de recorte e colagem capaz de gerar sentidos singulares aos nossos cotidianos.

Aprender

Aprender a cidade com o corpo em deslocamento é uma maneira de considerar a experiência como campo do saber, como uma maneira de aprender. Larrosa (2002) fala de uma educação que se constrói a partir da relação entre experiência e sentido, condição na qual aprender não é apenas sinônimo de adquirir informações, mas também consiste em permitir que algo nos aconteça. O excesso de informações e de opiniões, a velocidade e a falta de silêncio, segundo o autor, impossibilitam que a experiência aconteça. É preciso parar para aprender. Nesse sentido, explorar a cidade, por mais paradoxal que possa parecer, é uma experiência que pressupõe parar, olhar mais atentamente, refletir, sentir seus detalhes, passar 'com' o tempo e não correr atrás do tempo que passa. Nesse contexto, aprender é 'ser lugar dos acontecimentos', permitir que algo nos provoque e nos transforme, transformando, também, nossas ações no mundo e, em decorrência, nossa compreensão sobre ele.

Como toda cidade, a cidade tese que produzi também possui mapas, mas cada pessoa explora seus trajetos e a vive com intensidades diferentes entre ruas, imagens, certezas, convites, paradas e fluxos.

Tendo em vista a trajetória deste trabalho, que envolveu produção e manipulação de fotografias, realização de intervenções urbanas com imagens, conversas com moradores e desenvolvimento de narrativas imagéticas e escritas, tornou-se impossível separar pensamento e ação. Aquilo que vivi com o corpo reverberou em meus pensamentos assim como meus pensamentos (e escritas) exploraram experiências para além do vivido pelo deslocamento urbano. A prática de escrever e de combinar imagens modificou sensações e ideias, dando outras dimensões ao vivido. A cidade se estendeu pelo escrever.

No processo de aprender em movimento pela cidade de Goiânia, fotografei visualidades recorrentes em percursos cotidianos até, finalmente, focar meu olhar em sete delas: pipas, calangos, arabescos, amarelos, cores, água e descartes. Por sua recorrência e pelas múltiplas possibilidades de percebê-las e experimentá-las, passei a chamá-las de 'excessos' e movimentá-las enquanto devires que se modificavam e me modificavam nos encontros do aprender. Algumas vezes, era preferível parar e esperar o momento de fotografar acontecimentos envolvendo esses excessos. Em outras situações, era necessário apressar o clique, registrar o lagarto que descansava antes que ele percebesse minha presença e saísse em disparada.



Figura 01: Fotografias da cidade em conversa com moradora
Fonte: Acervo da investigação

Assim, foram sendo criados ritmos de percurso que posteriormente, ao se entrecruzarem com conversas com alguns moradores, geraram novos blocos de sentidos. Para essas conversas, foram levadas algumas fotografias que, ao serem observadas, originavam relações diferentes daquelas que se dispunha ou conhecia. Apesar de vivermos na mesma cidade, o 'acontecimento' da cidade é único para cada indivíduo, para cada um de nós. Houve um momento em que precisei parar e rever minhas compreensões sobre a vida nesses espaços, tentar percebê-las de outras maneiras, não necessariamente para entender a experiência dos outros, mas para aprender junto ou a partir de suas narrativas, gerando novos ritmos aos meus passos cotidianos.

Martins e Tourinho (2011) alertam que o significado das imagens não pode ser tratado como representação da realidade, mas sim como construção de novas realidades. As imagens, segundo os autores, são marcadas por múltiplas temporalidades que inscrevem sentidos e significados em diferentes fluxos de tempo, que se distinguem em 'tempo de produção' e 'tempo de recepção'. Esses significados mudam quando muda o contexto em que são veiculados, fazendo com que nunca se tenha total controle sobre o modo como as imagens serão recebidas por quem entra em contato com elas. Aprender na escola é diferente de aprender na rua. Aprender com imagens da cidade é diferente de produzir suas próprias imagens. Aprender a partir de um mapa é diferente de traçar as próprias cartografias.

Diferentes temporalidades produzem diferentes saberes, diferentes formas de aprender. Uma fotografia nunca será a mesma para quem percorre a cidade e a produz e para quem a visualiza em outros tempos e contextos. Cada caminhada pela cidade e pelas imagens possibilita novas experiências com os mundos percorridos.

Para que essas construções de realidades aconteçam, necessitamos produzir espaços anômalos de aprendizagem (ELLSWORTH, 2012), construir pontos de articulação entre experiências capazes de insinuar relações 'fora' no pensamento. Para Ellsworth (2012), produzir 'fora' do que é esperado, ou seja, 'fora' do lugar comum, é criarocos que podemos habitar e explorar, incluindo outros espaços, métodos e visualidades que transformem as aparentes fronteiras de lugares e de aprendizagem, tornando-as porosas, fluidas, transponíveis e, portanto, palpáveis. O ato de caminhar está associado ao caráter imprevisível do aprender e, por essa razão, se constitui como espaço anômalo, destituído de normas e regras pedagogizantes sobre os percursos daqueles que aprendem ao percorrê-lo.

Ao afirmar que somos não apenas o que pensamos, mas também como andamos, Gros (2010) expõe a maneira como diferentes pensadores fizeram uso da caminhada para se tornarem ativos no mundo. Entre o esgotamento físico e o desejo de avançar, de deixar algo para trás, o caminhante experimenta encontros com novas ideias, com a criação, com a reinvenção de si. Gros (2010) afirma que não é necessário ir muito longe ao caminhar, porque o significado da caminhada não está na distância percorrida, mas em pôr-se fora do caminho, em ocupar uma posição marginal à seriedade social que nos impede de acolher as sutilezas de um sol de inverno ou de uma brisa primaveril.

Nos percursos de aprender, não é necessário conhecer cada detalhe de uma cidade, decorar os nomes de suas ruas, acumular quilômetros percorridos. Aprendemos quando conseguimos sentir os diferentes terrenos e descobrir formas confortáveis de caminhar sobre eles, mesmo que essas formas não sejam as mesmas utilizadas por outros caminhantes. Ao colocarmo-nos fora do caminho, ao permitirmo-nos experimentar modos singulares de percorrê-los, ficamos sensíveis aos encontros que acontecem com a paisagem e às potencialidades de nossos desejos e capacidades de gerar sentidos para nossas vidas junto ao coletivo.

Aprender não é apreender a cidade, mas sim explorar as instabilidades de sua natureza sempre móvel. Para Guattari (1992), tudo na cidade possui uma rotatividade, condição que traz como implicação o risco de que todos os locais passem a se assemelhar à medida que vão sendo padronizados. Somente quando conseguimos ver para 'fora' desses padrões conseguimos vislumbrar a vida/o cotidiano nas suas instabilidades e descontinuidades, conseguimos perceber o quanto somos incompletos, o quanto nossa existência acontece em/com/por movimentos, deslocamentos. É um desafio constante duvidar de nós mesmos e, ao mesmo tempo, aproveitar, desfrutar intensamente de saberes e aprendizagens em sua condição passageira.

Mossi (2016) questiona sobre quais construções são capazes de resistir aos terrenos instáveis de um deserto movediço. Sendo esse deserto o mundo sobre o qual buscamos aprender, fica a pergunta: como nos movimentarmos através do vento que sopra constantemente e leva as areias de um lado para outro, impossibilitando que seu solo se mantenha fixo por muito tempo? (MOSSI, 2016). Paredes muito leves provavelmente seriam derrubadas pelo vento, e uma edificação firme possivelmente seria soterrada pela areia. Assim, resta-nos o movimento. Para sobreviver em solo provisório, é necessário ser maleável, compreender e adequar-se aos deslocamentos. Somente caminhando evitamos afundar em certezas ou vagar sem rumo ao sabor dos ventos.

Para conhecer um território, precisamos ultrapassar seus mapas, explorar seus pequenos acontecimentos, que se agigantam nas práticas cotidianas de cada morador, tudo isso sabendo que, ao percorrermos caminhos, tornamo-nos também parte dessa composição movediça chamada cidade.

E... e... e... uma cidade metonímia, sempre chamada por um nome – neste caso, Goiânia –, apesar de nunca ser a mesma e de nunca sermos capazes de abarcar sua totalidade. Ao final da investigação, pude produzir alguns mapas para demarcar relações entre conversas, intervenções e criação de narrativas. Neles, expus fragmentos de algumas experiências. A um fragmento de mapa do local, fui sobrepondo imagens e textos que diziam algo sobre os percursos entre aquelas ruas.



Figura 02: Mapa narrativo de algumas conversas com moradores
 Fonte: Acervo da investigação

Esses mapas são vestígios de acontecimentos fluidos, decorrentes de conversas e encontros que não podem ser repetidos da mesma maneira. Eles expõem estratégias de formação do desejo no campo social, por isso se relacionam com o que Rolnik (2006)

chama de cartografia sentimental, envolvendo mutações tanto sociais quanto subjetivas e permitindo múltiplas e heterogêneas entradas e saídas para além do que pôde ser demarcado.

Por mais que esses mapas tenham sido uma tentativa de descrever alguns itinerários vividos, ao produzi-los fui também produzindo percursos que não se encerraram somente com as caminhadas. Ao escrever sobre eles, dialogando com diferentes autores e temporalidades, pratiquei uma cidade-tese, percorri incansavelmente ruas de uma cidade vivida, imaginada e narrada, convidando leitores a escolher suas ruas para também percorrê-las, construindo a partir delas novos desvios e atalhos.

Através desses mapas, produzidos no percurso e não para o percurso, aprendizagens vão compondo meus repertórios e me permitindo viver de modo singular o cotidiano que me rodeia. Esse devir criativo compõe meu corpo teoricamente a partir de demandas viscerais. Como escrevi durante a pesquisa, estou

ciente de que não se trata de um modelo ou de uma regra que possa ser reproduzida nem mesmo por mim em outras situações [...], [mas ainda assim] essa pesquisa vem tentar trazer contribuições para o leitor interessado em planejar estratégias de aprendizagens que não só reconheçam, mas explorem as aprendizagens cotidianas como inseparáveis de qualquer ato pedagógico, ao leitor que queira pensar sobre suas próprias aprendizagens, que queira olhar para seus percursos e traçar seus devires. (VAZ, 2017, p. 143).

Se desejamos, como docentes, construir estratégias de ensino para a produção de conhecimento, precisamos olhar antes para o que compõe nossos percursos de aprendizagem, para o que aprendemos dos conteúdos que ultrapassa os conteúdos, o que aprendemos dos números que ultrapassa a tabuada, o que aprendemos da arte que ultrapassa sua materialidade, o que se move quando nos movemos.

O que aprendemos com essas caminhadas?

Sem a pretensão de esgotar o assunto ou de produzir um tratado sobre a diversidade de produções artísticas e filosóficas que envolvem caminhadas na natureza ou na cidade, esse sobrevoo traz alguns disparos conceituais acoplados à expectativa de que possamos perceber/compreender que o pensamento não é uma atividade exclusivamente mental e

que a aprendizagem começa a acontecer muito antes de sentarmos nossos corpos em cadeiras escolares.

Assim como situacionistas, dadaístas, filósofos e pensadores, nós, pesquisadores, podemos fazer da caminhada uma abordagem de aprendizagem através do movimento de corpos e mentes. O pensamento atua como força motriz que alimenta o caminhar, e o caminhar atua como mobilidade para o pensamento, sem que se distingam limites entre um e outro nos processos de escrita. As aprendizagens, sempre instáveis e mutáveis, expõem a fragilidade de convicções enrijecidas e, ao mesmo tempo, a potência do corpo nos processos de criação.

Quando pensamos com as experiências do corpo, seja através de caminhadas, seja através de leituras com as quais nos envolvemos por inteiro e não apenas para capturar informações, nos abrimos às imprevisibilidades do momento. Essa condição permitiu que, nos percursos que vivi pela cidade de Goiânia, produzisse narrativas menos descritivas que propositivas, convidando moradores e leitores a estender, ampliar suas percepções e visualidades tornando-as abertas ou vulneráveis a novas conexões.

Algumas narrativas seguem reverberando: paradoxos entre a ausência de pessoas nas fotografias e a presença delas nas ruas... ideias que uma moradora tenta, mas não consegue expressar... narrativas incompreensíveis de papéis rasgados e sobrepostos... rabiscos ilegíveis sobre as intervenções que realizei nas ruas... saudades e memórias do passado em fotografias do presente... Essas e muitas outras pequenas narrativas foram surgindo ao longo de conversas em percursos urbanos e me fizeram modificar itinerários de pesquisa e de moradores e minhas relações com as visualidades urbanas e com as imagens que produzi.

Devires, em atravessamentos com a alteridade, me impulsionaram a rever posicionamentos, a pensar sobre diferentes possibilidades de escolhas, a praticar empatia e ser capaz de me modificar a partir de pensamentos e ideias que atravessam meus cotidianos. O que aprendi não me trouxe certezas, mas a vontade de continuar as caminhadas, as fotografias, as conversas, as discussões, como uma criança que ensaia seus primeiros passos e descobre o prazer do corpo em movimento.

Referências

- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BARACHINI, T. Apropriações Imagéticas dos Espaços Urbanos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 24., 2015, Santa Maria, RS. **Anais** ... Santa Maria, RS: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas; Universidade Federal de Santa Maria, PPGART ; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015. p. 1685-1700. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2015/>>. Acesso em: 03 de dez. 2016.
- CARERI, F. **Walkscapes**: o caminho como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.
- CRUZ, M. Da Arte de Caminhar. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, n. 12, 2008. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0023.html>>. Acesso em: 03 de dez. 2016.
- ELLSWORTH, E. **Places of learning**: media, architecture, pedagogy. New York: Routledge, 2012.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GROS, F. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: Editora É Realizações, 2010.
- JACQUES, P. B. Corpografias Urbanas. **Arquitextos**, ano 7, v. 8, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 15 de jan. 2017.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Acesso em: 18 de jan. 2017.
- MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.
- MOSSI, C. P. Notas Disparadoras para a Criação de Projetos de Ensino em Educação das Artes Visuais. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 29, p. 133-150, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://seer.utp.br/index.php/a/article/view/455>>. Acesso em: 01 de fev. 2017.
- NIETZSCHE, F. W. **Ecce Homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Ed. UFRGS, 2006.
- ROUSSEAU, J. **Os Devaneios do Caminhante Solitário**. São Paulo: L&PM, 2008.
- VAZ, T. **Aprendizagens em Devir na Cidade**: visualidades, excessos e narrativas cotidianas. 207 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual)–Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

ⁱ Professora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em Arte e Cultural Visual pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação e Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Uivo: matilha de estudos em criação, arte e vida.

Como citar esse artigo:

VAZ, Tamiris. Deambulações aprendentes: sobre pensar e percorrer a cidade. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 3, p. 21-34, set./dez. 2019.